

CONTRADIÇÃO E ANTAGONISMO: O FUNCIONAMENTO DO LÉXICO NA MÍDIA

CONTRADICTION AND ANTAGONISM: THE FUNCTIONING OF THE LEXICON IN THE MEDIA

*Maria Cleci Venturini **

*Célia Bassuma Fernandes ***

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR, Brasil

Resumo: Na perspectiva teórica, a que nos filiamos, os sujeitos, os sentidos e a língua escapam ao gerenciamento social e político dos sujeitos e das instituições. Por esse viés, o discurso é uma prática política ligada a sujeitos e a ideologias, e o sentido das palavras que o constituem, não depende somente dos sujeitos-locutores ou dos sujeitos-leitores, mas abarca, também, as condições de produção das textualidades em que elas funcionam, a relação entre a materialidade de capa — nosso *corpus* — e a reportagem desenvolvida no interior dos suportes, mais especificamente, nas revistas *IstoÉ* e *Época*. Essa relação, de certa forma, direciona a interpretação, sinalizando para efeitos de evidência de homogeneidade dos sentidos. Recortamos, para fins de análise, as palavras *manifestação* e *protesto* para refletir sobre o funcionamento da língua, enfatizando que, nelas, retornam discursos e memórias, apontando para a não transparência da língua, em torno dos movimentos sociais ocorridos em 2013, no espaço discursivo das ruas, os quais instauram a contradição e o antagonismo.

Palavras-chave: Discurso/texto; sentido; léxico; mídia; ideologia.

Abstract: In the theoretical perspective that we follow, the subjects, the meanings and the language, escape from the social and political management of the subjects and institutions. From this point of view, the discourse is a political practice linked to subjects and ideologies and the meaning of words that constitutes it, does not only depend on the speakers-subject or readers-subjects, but it also encompasses the production conditions of textualities in which they work, the relationship between the cover materiality — our corpus — and the newspaper report developed inside the pillars, more specifically, in the *IstoÉ* and *Época* magazines. This relationship, in a certain way, directs the interpretation, indicating to evidence effects of homogeneity of meanings. We have cut out for analysis purposes, the words *manifestation* and *protest* to reflect on the language functioning, emphasizing that in them, discourses and memories return, pointing to the non-transparency of language around the social movements that took place in 2013, in the discursive space of the streets, which establish the contradiction and antagonism.

Keywords: Discourse/ Text; Meaning; Lexicon; Media; Ideology.

* Professora doutora da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Guarapuava, PR, Brasil; Bolsista Produtividade da Fundação Araucária, Paraná; mariacleciventurini@gmail.com

** Professora doutora da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Guarapuava, PR, Brasil; bacelfer@hotmail.com

Primeiras palavras

Dizer que as palavras não são indiferentes aos sentidos funciona como um pré-construído que entrou na ordem do discurso e circula entre os analistas e, também em outros campos disciplinares, aos quais interessa não o conteúdo das textualidades, mas o modo como determinados efeitos de sentidos se constituem e se legitimam, enquanto outros não chegam a inscrever-se como memória, como diz Pêcheux (1999). Esse pré-construído ancora-se no fato de a língua comportar a incompletude, a falha e a falta e determinar a interpretação pelas memórias convocadas e pela historicidade, que legitima determinados efeitos de sentidos e não outros.

O nosso objetivo, nesse texto, é refletir sobre o funcionamento da língua, em materialidades midiáticas, enfatizando que em uma mesma palavra retornam discursos e memórias, que dependem das condições sócio-históricas, que as convocam, enquanto exterioridade e anterioridade, as quais, por vezes, para significarem, inscrevem-se em domínios distintos, instaurando a contradição, recortada por Pêcheux (1990), a partir da apropriação.

Para dar conta desse objetivo, elegemos em materialidades da mídia a palavra *manifestação*, que circulou na capa da *Revista IstoÉ*, de 02 de dezembro de 2013 e que significou diferentemente na *Revista Época*, de 17 de junho de 2013, que enfocou *Cenas brasileiras*, sustentadas pelo questionamento *quem são eles?* Agregamos a essas duas materialidades uma terceira, também, da *Revista Época*, publicada em 11 de novembro de 2013.

As análises das materialidades do *corpus* selecionado realizam-se a partir da perspectiva discursiva do léxico, considerando os funcionamentos da memória e o modo como as palavras significam, a partir de sujeitos e da inscrição desses sujeitos a lugares e a instituições, recortando memórias e o modo como elas convocam e fazem funcionar discursos advindos de outros tempos e lugares. Nessa perspectiva, o léxico funciona pela língua passível da falta e da falha, a partir de uma base linguística e de processos discursivos, designada por Pêcheux (2009), de prática de linguagem.

No que tange ao funcionamento do léxico, ancoramo-nos em Pêcheux (2009), em duas afirmações que sustentam as análises do *corpus*, centradas no pré-construído, na memória e na articulação. A primeira afirmação relevante é a de que a língua é igual para todos, mas o uso que os sujeitos fazem dela é que se altera, tendo em vista a sua submissão a leis internas, a partir das quais se constituem os processos discursivos. A segunda é a de que o sentido não existe em “si mesmo”, pois ele é “determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é reproduzidas)” (PÊCHEUX, 2009, p. 147).

Vale destacar, ainda, as pesquisas sobre o léxico na perspectiva discursiva, especialmente, Nunes (2008), que enfoca o léxico com lacunas, constituído por faltas e falhas. Ainda, Nunes (2010) se dedica a estudar o léxico urbano, a partir do discurso e da noção de silêncio. Nessa mesma direção, há trabalhos em desenvolvimento e pesquisas já concluídas, cujo objeto é o dicionário como instrumento linguístico, de acordo com Auroux (1992), que contempla produtos da gramatização, sublinhando a sua relação e o seu funcionamento na constituição da língua nacional.

Segundo Orlandi (2002), na perspectiva discursiva o dicionário funciona como discurso e os sentidos, sempre sujeitos a serem outros, são efeitos. Desse modo, as análises realizadas pautam-se na interdiscursividade, segundo Orlandi (2002, p. 105), “pela maneira como faz intervir a memória discursiva”.

1 Pré-construído e discurso transversal na constituição de efeitos de exterioridade e de contradição

A contradição ideológica em torno da língua que falta, falha e rompe com um sistema organizado previamente, conforme Pêcheux (2009, p. 83-4), desenvolve-se por meio da unidade da língua e se constitui “pelas relações contraditórias que mantém entre si ‘os processos discursivos’, na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classe”. Em função disso, sublinhamos, em torno da memória como pré-construído e como articulação (discurso transversal), que a língua abarca uma base linguística e processos discursivos. A base linguística refere ao que é identificável/observável pelo linguístico (literalidade), funcionando de um lado, pela relação constitutiva da língua no discursivo, destacando a exterioridade como o que vem de fora e, de outro, pela determinação relacionada ao que se repete, apaga-se ou permanece.

O sistema linguístico é o mesmo para todas as classes e para todos os sujeitos de uma formação social, que não são indiferentes a esse sistema, à medida que ele é mobilizado a partir da interpelação ideológica e do atravessamento do inconsciente. O processo discursivo implica a luta ideológica de classes e a base linguística, de acordo com Pêcheux (2009, p. 81), “tem a ver com o funcionamento da língua em relação a si mesma”. Enfim, à submissão da língua a leis internas, o que faz dela objeto da linguística, apesar da sua autonomia relativa praticada a partir do discursivo.

Courtine (1999) enfatiza que essa autonomia resulta na não homogeneidade da língua e destaca que o analista deve ser linguista e deixar de sê-lo. Em função disso, sublinhamos que uma mesma palavra pode significar diferentemente, tendo em vista os domínios que convoca e o lugar ocupado pelo sujeito. Essa relação é determinante para a interpretação, dada pelas relações entre palavras, pelo contexto sócio-histórico

e pela filiação dos sujeitos em formações discursivas. No intradiscurso, a base linguística ocorre pelos encaixes sintáticos (PÊCHEUX, 2009, p. 89) e pela articulação (PÊCHEUX, 2009, p. 113), responsáveis pelos engendramentos do texto.

Disso podemos dizer, sempre ancorados na teoria discursiva, que tanto em textos, quanto em discursos para os quais eles encaminham, toda possibilidade de questionamento ancora-se em algo que “fala antes em outro lugar”, como destaca Pêcheux (2009), ao referir-se a Henry e à proposição do termo pré-construído. De acordo com o autor essa noção foi cunhada “para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado. Trata-se de um efeito ligado ao encaixe sintático” (PÊCHEUX, 2009, p. 89). Frege relacionou esse funcionamento à imperfeição da linguagem e, Pêcheux, o toma como fenômeno que pode ser explicado pela relativa determinativa, como

[...] a condição formal de um efeito de sentido cuja causa material se assenta, de fato, na relação dissimétrica por discrepância entre dois ‘domínios de pensamento’, de modo que um elemento de um domínio irrompe num elemento outro [...] como se já se encontrasse aí. (PÊCHEUX, 2009, p. 113, grifo do autor)

Nesse sentido, sublinha a especificidade diferencial dos tipos de elementos do interdiscurso. Segundo ele, o pré-construído fornece/impõe ao sujeito a realidade e o seu sentido sob a forma da universalidade (o mundo das coisas) e recobre, conforme já assinalamos, o que “fala antes em outro lugar”, remetendo para uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (PÊCHEUX, 2009, p. 150).

A sintagmatização ocorre por uma relação de identidade dada pela metáfora, em que um objeto pode ser tomado pelo outro. Já o encadeamento ou processo de sustentação, como discurso transversal, consiste no atravessamento de domínios distintos, não sintagmatizados, que instauram efeitos de exterioridade pela concepção e pelo funcionamento do sujeito, tendo em vista a ideologia e a forma-sujeito do discurso, apontadas em sessões diferentes, no texto de Pêcheux, mas constantemente retomadas, instaurando redes conceituais.

Ao tratar da forma sujeito, Pêcheux (2009, p. 86-89) se refere aos domínios do pensamento e aborda a determinação/encaixe, dando visibilidade ao funcionamento da ciência e da ideologia. Mais adiante, destaca a definição de domínios de pensamento e os mecanismos que os constituem. De acordo com o autor, os domínios do pensamento são discrepâncias que tomam a forma:

- 1) Da exterioridade/anterioridade (pré-construído);
- 2) Do “retorno do saber do pensamento” que produz uma evocação sobre a qual se apoia a tomada de posição do sujeito. (PÊCHEUX, 2009, p. 113, 117, 151 e 183).

No interior dessas relações, se constitui o pensável, que forma o terceiro elemento proposto por ele, mascarando a concepção (exclusivamente) lógico-linguística desses mecanismos. Trata-se da abordagem materialista do funcionamento das representações e do pensamento nos processos discursivos, portanto, de uma teoria da identificação e da eficácia do material imaginário. Pêcheux (2009, p. 183), com vistas a detalhar a teoria discursiva, retoma as questões em torno dos domínios do pensamento, permitindo-nos relacioná-los com a tomada de posição do sujeito pela objetividade e pela exterioridade, que faz funcionar o pré-construído (encaixe) e a articulação/sustentação como discurso transversal.

A articulação, diferentemente do pré-construído, “constitui o sujeito em sua relação com o sentido” e representa, no interdiscurso, “aquilo que determina a dominação da forma-sujeito” (PÊCHEUX, 2009, p. 151). Para o autor, a relação do sujeito com o sentido ocorre na base linguística, mais precisamente, “pela possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições) no interior de uma formação discursiva dada”. Destaca, ainda, que a substituição pode tomar duas formas fundamentais: a equivalência (simetria, caracterizadora da metáfora) e a implicação (assimetria, linguisticamente designada de metonímia).

A articulação é, então, o mecanismo de base, que faz funcionar a abstração, destacando que o interdiscurso se constitui por uma objetividade contraditória, que reside no que “fala antes em outro lugar”, sinalizando para a dominação ideológica, decorrente do efeito de encadeamento e do efeito de articulação (PÊCHEUX, 2009, p. 149). Por esses mecanismos, se constitui a identificação, pela qual o sujeito se “reconhece” a si mesmo e aos demais, constituindo o consenso, largamente trabalhado por Orlandi (2001, 2010), como o que instaura efeitos de naturalização, de simulacros.

Vale destacar, ainda, que a articulação provém da linearização e o discurso transversal refere ao atravessamento de discursos pelo que é classicamente designado de metonímia – uma parte pelo todo – não linearizada no eixo da formulação, conforme Pêcheux (2009, p. 157):

O discurso transversal atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita.

Nesse sentido, o funcionamento da memória e o retorno de discursos ocorre sob a forma de retomada (simetria), em que dois objetos se recobrem ou pelo atravessamento decorrente de assimetrias – uma parte pelo todo – nesse trabalho, representada por palavras, pelas quais retornam discursos que elas convocam, instaurando deslizamentos e equívocos.

A memória é o lugar do acontecimento, no qual ocorre o deslizamento do enunciativo para o discursivo. Para dar conta dessa diferença, ancoramo-nos em Cazarin (2007), para quem o acontecimento não é necessariamente dependente dos sujeitos, mas para ser histórico, deve ser simbolizado, significado. Ele é o resultado de uma formulação anterior, pois para ser histórico, saiu do lugar comum dado ao acontecimento empírico. Conforme Davallon (1999), o acontecimento para se constituir em memória deve fazer sentido na formação social.

Vale destacar, ainda, que o acontecimento histórico diferencia-se do acontecimento discursivo, no qual funciona a contradição e o antagonismo e ocorre quando ele passa a fazer parte também do campo do político, que é a passagem do histórico e do enunciativo ao discursivo, enfocado, nesse texto, a partir de dois funcionamentos da memória: o pré-construído e a articulação, que linguisticamente sinalizam para efeitos de exterioridade resultantes dos encaixes sintáticos (PÊCHEUX, 2009, p. 89) e da articulação (PÊCHEUX, 2009, p. 113), mais precisamente pelos efeitos de pré-construído e do discurso transversal.

Como dispositivo teórico, destacamos, também, o funcionamento do enunciado-imagem (VENTURINI, 2009), sinalizando para a memória e o funcionamento em relação aos efeitos de sentidos, tendo em vista que, em textos-imagem, uma mesma imagem pode significar diferentemente, pois como espaço interdiscursivo, convoca memórias, as quais dependem de sujeitos e da inscrição deles a lugares e a posições-sujeito.

2 Movimento analítico: a contradição dada pela língua, pela história e pela memória

Como foi dito anteriormente, nossa proposta é focar o léxico a partir da teoria discursiva, que elege como fio condutor as práticas sociais e prioriza as formações discursivas. Isso equivale a dizer que a teoria considera a língua em funcionamento na sociedade a partir de acontecimentos ligados à ordem do real, nesse trabalho, o deslizamento de sentidos da palavra *manifestantes* para *protestos*, em um mesmo acontecimento: o movimento de ruas.

Nas três materialidades recortadas, as manifestações de rua são espetacularizadas, mas aqueles que participam delas ou as promovem são designados

diferentemente, instaurando a contradição e o antagonismo. A resistência que os aproxima e distancia é designada pelos sintagmas *manifestação* e *protesto*, sinalizando para a diferença dada pela inscrição dos sujeitos em domínios discursivos distintos e pelas razões que os move nas ruas, mobilizando discursos e memórias que concorrem para a instauração do equívoco.

Na *Revista IstoÉ*, os *manifestantes* são significados como “sujeitos pacíficos, que se manifestam de cara limpa”. Essa representação apaga a bandeira do Brasil estampada em seus rostos, como se ela os constituísse como sujeitos, em um funcionamento simétrico, como se os dois corpos – bandeira e manifestantes – fossem um só. Na segunda, os *manifestantes* significam-se como obscuros e, a mídia, representada pela *Revista Época*, diz quem são eles, de onde vêm e o que pretendem, assumindo, enquanto veículo, o lugar da verdade, saturando, pelo trabalho da ideologia, os sentidos e os seus efeitos.

Já na terceira materialidade, que circulou na *Revista Época*, em dezembro de 2013, os *manifestantes*, inscritos no grupo dos *Black blocs*, são significados como opostos àqueles que, de cara limpa, promovem manifestações legítimas e pacíficas. A oposição se constitui como evidencia por meio das expressões de *cara limpa* e *mascarados*, que convocam discursos que já circularam antes nos movimentos de rua, destacando dois deles: as *Diretas já*, em 1986, e *Fora Collor*, em 1990. O que se repete entre esses dois movimentos e as manifestações de 2013, protagonizado pelos sujeitos designados *cara limpa* é a bandeira desenhada no rosto ou enrolada nos corpos dos manifestantes.

Já em 2013, os manifestantes mostram a cara e os *black blocs*, contrariamente, usam máscaras e praticam a violência, constituindo-se, em vista disso, como a representação do lado violento das *manifestações*, que os próprios sujeitos participantes designam de *protesto*. Essa prática diferencia-se, portanto, da manifestação pacífica dos brasileiros, que carregam, no rosto, a marca da nação brasileira. O veículo – *Revista Época* –, assim como ocorre na segunda materialidade, propõe-se a dizer quem são eles, quem os financia e como são ‘treinados’ para protestar, sinalizando para o lado negro dos movimentos das ruas.

O *movimento das ruas em 2013* significa diferentemente, dependendo dos suportes, das condições de produção de circulação, mobilizando memórias e historicidades distintas, pelas quais ocorre a repetição ou o seu rompimento, instaurando, por vezes, o novo. Desse modo, faz funcionar a contradição, que significamos como inerente ao social e ao político, porque entrecruza o real da língua, o lugar do possível e do impossível (MILNER, 1987) e o real da história, a contradição, que afeta a materialidade em seu funcionamento discursivo.

Concorre, também, para a estabilidade ou movimento dos sentidos, a relação entre as capas das revistas e as matérias que se localizam no interior delas e realizam um gesto interpretativo, como se fosse possível substituir o sujeito-leitor, apresentando a ele um texto já significado. De acordo com Gadet e Pêcheux (2004), o real da história, significa o modo como a ideologia está na língua e essa se materializa no discurso.

Vale sublinhar, em torno dos movimentos de ruas, nas três discursividades, que recortamos para destacar o funcionamento da contradição da língua pela história e pela memória, que as diferenças entre *manifestação* e *protesto* dependem dos sujeitos envolvidos (locutor e leitor), da linha editorial das revistas e do modo como se constroem redes parafrásticas em torno do texto-imagem e do que é dito sobre ele.

Enfocadas as condições de produção em torno das três materialidades, passamos às análises, destacando cada um dos textos-imagem, iniciando pelo texto-imagem 1, que circulou na capa da *Revista Isto É*, edição 2298, de 02 de dezembro de 2013. Trata-se de um texto, que encaminha para discursos, os quais se inscrevem em diferentes domínios, dentre eles, o do funcionamento da língua, pela determinação do que seja *manifestante*. Essa determinação ocorre pela posição-sujeito de quem se coloca como autor e seleciona o que faz parte desse texto, atendendo ao direcionamento dado pela linha editorial da revista e pelo momento sócio-histórico de sua circulação. O mês de dezembro de 2013, sendo o último mês do ano, constitui-se como o tempo de retomadas, de revisões e de ressignificações do movimento que, segundo o editorial do *Diário Catarinense* (2013, p. 12), levou os brasileiros e o Brasil para a rua, lugar social em que esses sujeitos se inscrevem.



Texto-imagem 1

Disponível em: <<https://www.iba.com.br/revista-digital/ISTO%C3%89-Dezembro-2013-2298-0305f4acda3f85d0fdb75995dd8a6712>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

SD 1: O manifestante

Sem máscaras e de forma pacífica, o cidadão comum saiu às ruas, fez sua voz ser ouvida e protagoniza um novo momento Brasil.

Olhando/lendo a capa da revista como texto e encaminhando-o para discursos, pelo processo metafórico, os manifestantes passam a representar o Brasil, ou melhor, constituem-se *como se* eles fossem o Brasil e representassem a maioria dos cidadãos brasileiros. Na constituição desse efeito, articulam-se dois domínios: o de um país – nacionalidade/defesa da pátria – e de sujeitos – brasileiros que estruturam esse país e lutam por direitos sociais e políticos.

O processo metafórico constitui-se e se sustenta pelo enunciado-imagem, no qual o sujeito que o estrutura estampa no rosto a bandeira do Brasil, em todas as suas cores, como se o país estivesse na rua pelo/no sujeito que se manifesta e, com ele, estivessem, nesse espaço, todos os brasileiros representados, como um país. Esse manifestante: *não usa máscara, é pacífico, é o Brasil.*

Por essas determinações em relação ao manifestante, atravessam-se discursos de outros domínios discursivos, relacionados a outros textos e sustentados, por exemplo, por *quem sabe faz a hora*, música de protesto cantada por Geraldo Vandré,

na década de 60, no período ditatorial. Nesse período, segundo Napolitano (2004), a Música Popular Brasileira esteve sob suspeita e foi fortemente controlada pelo Estado autoritário, representado pelo DOPS (Delegacias de Ordem Política e Social), criado, a partir de 1924, nos diversos Estados da Federação, para funcionar como órgão fiscalizador e repressor. Extinto em 1983, o DOPS era apenas uma das instituições ligadas à “comunidade de informações”, formada por outros serviços de espionagem e de repressão política.

Diferentemente dos movimentos de ruas de 2013, nesse período, a repressão obrigava os compositores a usar mecanismos linguísticos de modo a dizer, sem dizer, produzindo sentidos outros dados pela exterioridade, pelas condições de produção, pela filiação política e ideológica dos sujeitos que se fazia forte pelo discurso. Geraldo Vandré – segundo Napolitano (2004, p. 118), era funcionário público e músico engajado nas causas políticas da época – tornou-se uma “espécie de lenda viva” por ter sido perseguido pelo regime militar. *Quem sabe faz a hora*, refrão da música *Pra não dizer que não falei de flores* (1968), foi entoado nas ruas, como um hino da resistência e, por isso, retorna como memória e funciona como um discurso inscrito no domínio da luta política.

O processo que instaura a identificação entre a militância dos artistas no período da ditadura e as manifestações de 2013 é a convocação, mesmo que velada, dos sujeitos-cidadãos para saírem às ruas e retorna como memória pelo refrão *quem sabe faz a hora*, que significa no domínio da resistência política. Em 2013, os sujeitos– pacíficos e de cara limpa saíram às ruas, fazendo com que a sua voz fosse ouvida e materializando o discurso em torno de um *novo momento do Brasil*, protagonizado por eles, instaurando redes parafrásticas entre *manifestação X protesto*.

Os destaques, no texto-imagem 1, fazem parte dos traços constitutivos do texto e estão na cor amarela e, no que tange à base linguística, estruturam-se por meio de advérbios de modo – *sem máscaras e de forma pacífica* –, destacando a palavra *pacífica*, que passa a determinar não mais a forma como os sujeitos foram para a rua, mas o modo como, pacificamente, protagonizaram um acontecimento enunciativo – o fato em si – e discursivo pelas relações em torno de uma nova série a partir do discurso em torno de um *novo momento do Brasil*.

Ainda no nível da base linguística, destacamos as determinações inerentes ao linguístico, que aparentemente saturam o sentido. Não se trata de *um manifestante*, mas *do manifestante*, ou seja, daquele que não se escondeu atrás das máscaras e que todos sabem quem é. Assim, um dos efeitos de sentidos do emprego do artigo definido que determina esse sujeito como conhecido, é diferenciá-lo, desidentificá-lo dos sujeitos mascarados, violentos, os quais, segundo a *Revista Época*, incendeiam carros e quebram bancos.

No funcionamento discursivo, *quebrar bancos* sinaliza para mais de um sentido, convocando a atualidade, em que a corrupção política e os favorecimentos têm sido destacados como facilitadores do ilícito. Ressoa como discurso, que além dos *black blocs* há mais quebradores de bancos e esses nem sempre escondem-se atrás de capuzes e máscaras, pelo contrário, mostram-se a partir dos cargos políticos que ocupam e pelas posições político-partidárias que defendem.

Pelo exercício interpretativo, compreendemos que a descrição da língua, em seu real, não é suficiente na prática da leitura discursiva. Isso não ocorre, em primeiro lugar, porque a língua, em seu real, falha e falta e, também, porque é pelo funcionamento do real histórico que discursos retornam de um tempo mais distante para fazerem sentido na atualidade, sustentando-se entre si, significando o acontecimento – manifestação de rua – como recorrente pelas repetições e também pelos deslocamentos decorrentes dessa relação, do que se pode destacar, que o dizer funciona, contraditoriamente, entre o que é dito e o que é apagado, e pelo dito intervém, irrompe o silenciado.

No que tange ao efeito metafórico, constituído entre o *manifestante* e o Brasil, uma possibilidade de leitura é a de que o cidadão comum, que se apresenta sem máscaras e de forma pacífica, identifica-se, por isso, com o país, representa-o e é por ele representado. Retorna pelo enunciado *o Brasil o representa*, um discurso recorrente no contexto sócio-histórico brasileiro hoje, quando as desigualdades e as diferenças são postas à prova por sujeitos que falam por/pelas instituições. A expressão *não me representa* ou *me representa* circulou nas redes sociais, também, em 2014, retornando por essa expressão o movimento de ruas, de 2013, fazendo eco e constituindo memória.

Por esse sujeito-cidadão comum, que não se esconde, ressoam/resplandecem/ gritam outros sujeitos-cidadãos, que não são pacíficos e que, ao contrário dos primeiros, usam máscaras e, talvez por inscreverem-se na subversão, não protagonizam *o novo momento Brasil*. Esses sujeitos desidentificam-se com o movimento pacífico e aquele que se traveste de Brasil – *o manifestante* – é significado e visibilizado como a personalidade do ano. Esse efeito de sentido é reforçado na revista *IstoÉ*, que em seu editorial, destaca *a democracia que queremos*, sinalizando para o direito de protestar, sublinhando a pluralidade de ideias e designando de *desevios pontuais* o que escapa a essa pluralidade e, acrescentamos, à normalidade.

A partir dessa identificação do sujeito, ressoam outros *manifestantes*. Recorramos, nesse espaço, aqueles que a *Revista Época* propõe-se a dizer quem são, de onde vêm, o que pretendem e o que pensam. A chamada de capa é: *Quem são eles?*



Texto-imagem 2

Disponível em: < http://epoca.globo.com/infograficos/783_todas_capas/index.html>.

Acesso em: 23 jun. 2014.

SD2: Como agem, o que pensam e até onde querem chegar os manifestantes que paralisaram as principais cidades brasileiras.

A partir dessa sequência, destacamos o efeito de saturação do discurso, tendo em vista que o sujeito *não se manifesta*, ele *protesta*, sendo significado como o que luta não por meio de palavras, mas pela violência. Nessa materialidade, o sentido desliza do funcionamento da palavra *manifestantes*, os quais têm nome, lugar e objetivos, para *sujeitos que protestam*. A cor preta, a máscara, as armas são constitutivas dos efeitos de sentidos e funcionam pela memória, pelos enunciados-imagem como espaços interdiscursivos, que instauram sentidos a partir de sujeitos. Há os que se identificam com essa luta e legitimam o protesto, diferenciando *manifestação* de *protesto*, pois segundo eles, a manifestação em si não chama a atenção. A visibilidade ocorre somente quando o movimento torna-se notícia, quando quebra com a previsibilidade.

A pergunta: *quem são eles?* Pelo que tem de retórico, instaura o equívoco. Se a revista fosse dizer o óbvio, tal como *são brasileiros*, por exemplo, não quebraria com a repetição e nem precisaria ser dito. O que mobiliza outros domínios e faz

atravessar outros discursos advém da identificação desses sujeitos com a guerrilha, com o protesto, significando um modo de difundir, de expandir a luta, de resistir ao que está posto pelas instituições. Retorna como memória as guerrilhas, protagonizadas por grupos armados, com o objetivo de combater a ordem institucional da época. Historicamente, esses grupos de esquerda combateram o regime militar, vigente no Brasil, no período ditatorial e, foram significados, pela direita no poder, como anarquistas, designação que abarca mais de um movimento guerrilheiro, inscrito na ordem do político e da política.

A pergunta daquele que assume a responsabilidade pelo dizer como complemento do questionamento é: *Até onde querem chegar?* Para explicitar o que eles fazem/fizeram, que ressoa como resultado do movimento, pois eles *paralisaram as principais cidades brasileiras*. Esse acontecimento reverbera como uma vitória em torno do momento Brasil atual pelo que significa o desejo de *um novo momento Brasil*, conforme o texto-imagem 2, da revista IstoÉ, de 13 de dezembro de 2013. Esse ressoar constitui efeitos de entrecruzamentos de discursos que circularam em torno do mesmo acontecimento em veículos distintos.

A pergunta – *até onde querem chegar?* – é retórica e instaura efeitos de vandalismo em relação a esses sujeitos. Esses efeitos se legitimam pelas redes parafrásticas, constituídas em torno do resultado do movimento, que foi a paralisação das principais cidades brasileiras. O que não é dito, mas ressoa pelo discurso transversal, que convoca discursos de domínios distintos e discursos que se atravessam, é o domínio da economia – as perdas – e o domínio do político – visibilidades das demandas que assolaram o Brasil em 2013.

A capa da revista *Época*, publicada, em 11 de novembro de 2013, segue a mesma orientação, porque assim como a anterior, desnuda os *black blocs*, relacionando-se com *manifestação* que se diferencia de *protesto*, pela relação proposta pelo veículo de comunicação entre os *black blocs* – *manifestantes mascarados* – e *guerrilheiros*, destacando que ambos objetivam, primordialmente, chocar a sociedade, depredando, para dar visibilidade à causa por que lutam. A palavra que convoca esses efeitos de sentidos é *testemunha*, pela qual ressoam efeitos de verdade.

Nessa materialidade, a cor preta predomina e a referência a *sem máscaras* encaminha para dois tipos de máscaras: aquela que cobre o rosto e faz ressoar o lado negativo dos protestos, considerando que *mostrar a cara* é uma virtude, mas nem todos podem. O segundo efeito de sentido, que inscreve esse discurso na mídia, na ordem da transparência e funciona a partir de *sem máscaras*, constituindo o efeito de que tudo será dito: quem são os *black blocs*, como se organizam e quem os financia. Então, de um lado a máscara esconde, dissimula e, de outro, desvenda o que seria sigiloso. O que oscila em torno dessa significação resulta do colocar e do

tirar a máscara, em que os sujeitos inscritos na formação discursiva da resistência escondem-se, por serem militantes do movimento *black bloc*, retornando, mais uma vez, ao dicursos em torno da guerrilha como luta fortemente armada e violenta.



Texto-imagem 3

Disponível em: <<https://www.iba.com.br/revista-digital/ISTO%C3%89-Dezembro-2013-2298-0305f4acda3f85d0fdb75995dd8a6712>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

As memórias que retornam, pelo texto-imagem 3, são as do movimento guerrilheiro de um tempo mais distante e, na atualidade, pelos movimentos de rua, que ocorrem no espaço urbano. Esses movimentos, entretanto, nem sempre instauram redes parafrásticas em torno da resistência, ainda mais que, pelo direcionamento dado pelo veículo de comunicação, o que ressoa é a anarquia, decorrente da palavra *ativismo*, das memórias convocadas e dos discursos que funcionam nela/por ela.

Retorna como memória um discurso em torno de sujeitos que andam de capacetes ou de máscaras para escapar da identificação, os quais aproveitam-se da impossibilidade de serem reconhecidos para praticar assaltos e atos de violência. Tanto é assim que nos postos de gasolina e lojas de conveniências, especialmente, há cartazes indicando que é proibido entrar com capacetes ou máscaras, funcionando, então, a coerção. Isso faz com que os efeitos de sentidos em torno dos *black blocs* inscrevam-se mais no domínio da violência do que no da resistência. O efeito que fica é o de que a sociedade aprova a reivindicação, mas não a violência, que gera sempre mais violência.

De qualquer modo, ainda pelo que retorna como memória e rompe com a regularidade, inscrevendo esse discurso na *normalidade*, é o enunciado-imagem de um sujeito-feminino maquiado, que tira a máscara e se mostra. Tirar a máscara convoca e faz funcionar *mostrar a cara* – conhecida música de protesto de Cazuza – que identifica o movimento das ruas e os movimentos protagonizados no Brasil, pela música brasileira em que se repetiam os refrões, na forma de apelo: *Brasil, mostra a tua cara e muda Brasil*, nos quais sujeitos se desnudam e se mostram, reivindicando o mesmo das instituições brasileiras.

Outro rompimento que não vem pelo real da língua, mas pelo real da história, é o fato de a *Revista Época*, conforme sequência discursiva (SD 3), romper com o que seria *manifestação*, significada como o direito de exigir mudanças. A revista passa a funcionar como aquele que atesta, testemunha e dota de valor de verdade a prática de protestos, como se lê no enunciado a seguir:

SD 3: *Época* testemunhou o treinamento dos *ativistas* que promovem protestos violentos – e revela quem eles são, como se organizam e quem os *financia*.

Os efeitos de sentidos que ressoam pela SD 3 e pelas palavras que a constituem, especialmente *ativistas* e *financiados*, distanciam esses sujeitos da luta por um país melhor. Considerando que a palavra *ativista* inscreve esses sujeitos em uma FD bem delimitada, que se dedica a promover movimentos contestatórios, não por idealismo, mas em nome de uma luta ligada a uma facção política, filiada às esquerdas, conforme destacamos anteriormente. Vale destacar que a ligação com partidos e movimentos políticos não fazia parte dos objetivos do movimento *vem para a rua*, configurado como um movimento idealista, sem financiamento, considerando que a filiação partidária poderia encaminhar as manifestações para um outro lugar.

Ativismo X *financiados* X *treinados* instauram identificação dos *black blocs* a grupos guerrilheiros do mundo todo, financiados por órgãos e instituições que defendem uma causa e não necessariamente um país. Um dos nomes que ressoam pelas guerrilhas é Guevara, líder guerrilheiro, nascido na Argentina, que percorre os países da América Latina, militando na esquerda. É significado, contraditoriamente, como libertador e como guerrilheiro, instaurando rede com *manifestação* e *protesto*.

A relação *black blocs* com *ativismo*, *treinamento* e *financiamento* faz com que retornem discursos ligados a *baderneiros*, diferenciando-se dos sujeitos idealistas, que lutam por direitos e por mudanças. A moça da capa, segundo a revista, é ex-presidiária e *quebra bancos*. O que a constitui é a indignação e os atos de violência,

que se naturalizam pela relação metafórica Brasil versus *black blocs*. Contudo, o Brasil não é o mesmo Brasil dos que protestam, mas o país em seu lado *negro*, no qual *corruptos roubam e nada acontece*, constituindo o efeito de sentido de que se os políticos agem como *foras da lei*, vale protestar de forma violenta e não sofrer os efeitos disso. É a lei do *dente por dente, olho por olho*, que retorna como memória a partir do discurso bíblico, significando vingança (Êxodo 21:24) e em Mateus 5:38-39, quando Jesus prega a paz, a humildade, a resignação.

Nessas textualidades, funcionam, além das visibilidades, os apagamentos. O mais evidente de todos é o de que não há *o manifestante*, mas *manifestantes*, e, dentre eles, são recortados e diferenciados os que protestam e não *mostram a cara*. Há um rompimento com os discursos e com o movimento que reivindica que o Brasil mostre a sua cara, sinalizando que os sujeitos-cidadãos e o país recobrem-se por meio de processos metafóricos. Essa evidência deriva do apagamento das diferenças entre *manifestação* e *protesto*, bem delimitadas, na revista *Época*, em que os *black blocs* tiram as máscaras e na matéria *Por dentro da máscara dos black blocs*, em que há destaque para o que move os seus encontros. Neles, segundo o *testemunho* da revista *Época*, *o clima é de indignação, revolta e impaciência com as promessas dos governantes*.

Considerações finais

O trabalho com materialidades da mídia e com efeitos de sentidos em torno da palavra *manifestação*, que se diferencia de *protesto*, mesmo quando se constituem evidências de que o sentido é o mesmo, inscreve-se na teoria discursiva e enfoca o léxico, sinalizando para o fato de que a base linguística é indispensável para a prática da linguagem, mas não dá conta da língua em funcionamento. Com isso, convoca os processos discursivos, neste trabalho, recortados pelos funcionamentos da memória (pré-construído) e os mecanismos linguísticos da articulação e discurso transversal.

Como efeito de conclusão, destacamos que nas três materialidades, ocorre a repetição e se constituem redes parafrásticas em torno das manifestações, da resistência e do modo como os sujeitos vão para a rua lutar pelos seus direitos e, também, para dar visibilidade à resistência e à força dos movimentos populares. O que rompe com as regularidades diz respeito às filiações ideológicas, ao trabalho da língua na história, aos modos como ela funciona por meio de mecanismos que se inscrevem no sistema – a base linguística – e o que escapa a ele – os processos discursivos.

Esses funcionamentos instauram a contradição, tendo em vista que no mesmo irrompe o diferente, pelas memórias convocadas e pelos discursos que retornam. As textualidades, em tela, estruturam-se pelo não verbal e pelo verbal. Decorre disso, a convocação dos não ditos, dos silêncios e da memória, enquanto esfera não plana,

que coloca em movimento formulações já enunciadas, na constituição de efeitos de sentidos por meio da língua como não todo, como destaca Milner (1987), devido ao que falha e falta, rompendo com a linearidade e a homogeneidade.

Uma primeira conclusão – que por ser da ordem do que tudo mundo sabe – inscreve-se no senso comum, pois nessas materialidades, enquanto discursividades, há visibilidade de sujeitos e de sua inscrição em lugares e posições, que determinam o que podem ou não podem fazer ou dizer. Trata-se do funcionamento da língua, da memória e da história, do que dizemos, referendando Pêcheux (2009) e Orlandi em seus muitos textos, que uma mesma palavra em torno de um mesmo acontecimento significa diferentemente.

Retornam, nas três materialidades analisadas, discursos que já circularam antes em outros lugares, não em razão da intertextualidade, mas pela memória, pelo que segundo Pêcheux (2009), constitui os sujeitos em seu efeito de origem. Trata-se de palavras de ordem já veiculadas em músicas, dentre elas, *Brasil, mostra a tua cara* e *o gigante acordou* e, por essas palavras de ordem, retornam outros movimentos de resistência que levaram os brasileiros para a rua, exigindo seus direitos, dentre eles, um tratamento *Padrão Fifa* para a saúde, para a educação e para a segurança. Todavia, nesses movimentos, não havia mascarados, mas manifestantes semelhantes aos do movimento *Diretas já* e *Fora Collor*, em que os jovens protestavam/se manifestavam com a cara pintada com as cores do Brasil, no rosto, em cartazes e em faixas.

A diferença entre esses discursos e os da atualidade é que esses últimos se dizem *apartidários*, não se tratando, então, de lutar contra um governo, mas contra as práticas sociais, em funcionamento, que dão visibilidade à dominação e à desconsideração do povo. O slogan *Brasil muda a tua cara* continua a funcionar, instaurando efeitos de evidências de que o povo – quando é Brasil e quando o Brasil é o povo – tem força e constrói *um novo momento Brasil*, diferenciando-se pelo advérbio *no Brasil*, que significaria o país somente como um lugar.

O contraditório constitui-se pelo fato de o Brasil não significar um lugar, um país, mas um tempo – *momento Brasil*. Além disso, esse momento não é qualquer tempo: é o *novo momento Brasil*. Dois domínios funcionam em torno do mesmo significante (Brasil), mas não há determinação em torno do momento e nem do novo, o que deixa furos e a possibilidade para sentidos outros.

Por meio desse processo de identificação, ilusoriamente total e inquestionável, são apagados muitos dos acontecimentos de rua e, também, a presença daqueles que *promovem protestos violentos*, conforme textos-imagem 2 e 3, e usam máscaras. No terceiro texto-imagem, há visibilidade para esses sujeitos e, ao contrário do primeiro texto, eles são desconstruídos, pois são significados como *ativistas*, isto é,

como aqueles que têm uma razão para promover protestos violentos e nem sempre sabem por que o fazem, tendo em vista o *financiamento* e o *treinamento*, que convocam, não a luta, mas a coerção. O efeito de sentido que se constitui é de que se trata de profissionais e não de sujeitos-cidadãos que lutam por um Brasil melhor, sustentado pela exigência de saúde, educação e segurança *Padrão Fifa*, dando continuidade à luta desencadeada na rua e protagonizada por aqueles que exigem um *novo momento Brasil*.

Referências

AUROUX, Sylvan. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas/SP: editora da Unicamp, 1992.

BÍBLIA. Mateus. *Bíblia Sagrada*. 98. cd. São Paulo: Ave Maria, J 995. Mateus 5, 38-39.

_____. Êxodo. *Bíblia Sagrada*. 98. cd. São Paulo: Ave Maria, J 995. Êxodo, 21:24.

CAZARIN, Ercília. Posição-sujeito: um espaço enunciativo heterogêneo. INDURSKY, Freda, FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). *Análise do Discurso no Brasil, mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: SP, Ed. Claraluz, 2007, p. 109-122.

COURTINE, Jean-jacques. Chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, Freda, FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre. [et. al.]. *Papel da memória*. Trad. e Introdução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Trad. Bethania Mariani e Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

MILNER, J. C. *O amor da língua*. Trad. Ângela Cristina Jesuino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

NAPOLITANO, Marcos. A MPB sob suspeita: a censura musical vista sob a ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981). *Revista Brasileira de História*. vol. 24 n. 47 São Paulo 2004. On-line version ISSN 1806-9347. Acesso em 31 de out. 2014.

NUNES, José Horta. Léxico urbano, discurso e silêncio: um fazer no entremeio. BARROS, LA., and ISQUERDO, NA. (orgs.). In: *O léxico em foco: múltiplos olhares* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 365 p.

_____. Léxico de Lacunas: quando a representação da língua falha. *Revista Estudos Linguísticos*. São Paulo, n. 37 (3), p. 61-69, set.-dez. 2008.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formação e circulação do sentido*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. *Língua e conhecimento linguístico: para uma História das Ideias no Brasil*., São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Interpretação autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. Formas de individuação do sujeito feminino e sociedade contemporânea: o caso da delinquência. In: ORLANDI, Eni. *Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso*. Campinas, SP: RG Editora, 2010.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. [et. al.]. *Papel da memória*. Trad. Introdução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Orlandi *et al.* 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

Revista Época, de 17 de junho de 2013. *Capa*. Disponível em: <http://epoca.globo.com/infograficos/783_todas_capas/index.html>. Acesso em: 23 jun. 2014.

Revista Época, de 11 de novembro de 2013. *Capa*. Disponível em: <<http://www.bluebus.com.br/epoca-em-uma-acao-tipica-dos-black-blocs-depredaram-o-jornalismo/>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

Revista IstoÉ. *Capa*. Disponível em: <<https://www.iba.com.br/revista-digital/ISTO%C3%89-Dezembro-2013-2298-0305f4acda3f85d0fdb75995dd8a6712>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

VENTURINI, Maria Cleci. *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2009.

Recebido: 30/08/2014.

Aprovado: 01/10/2014.